

A representação discursiva para a mulher negra em contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo: uma análise sistêmico-funcional

The discursive representation for black women in stories from the book *Olhos d'água* by Conceição Evaristo: a systemic-functional analysis

Karine Magalhães Alves¹
Izabel Larissa Lucena Silva²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar as representações discursivas para a mulher negra em contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2004), atentando, particularmente, para a representação discursiva no âmbito do sistema de Transitividade. Para a análise qualitativa dos dados, dividimos a pesquisa em duas etapas: *análise contextual*, em que verificamos o campo, as relações e o modo; e *análise linguística*, em que investigamos as representações para a mulher negra tendo em vista o sistema de Transitividade, o sistema de Modalização e a Estrutura Temática. Os resultados da pesquisa revelam que os processos materiais e mentais instanciam significados ligados às ações da mulher negra e aos seus sentimentos e pensamentos. Quanto à modalização, as proposições, em geral, são marcadas pelo grau alto de probabilidade, com a narradora como fonte da avaliação subjetiva explícita. No que diz respeito à articulação Tema-Rema, o Tema simples não marcado constitui o ponto de partida para a interpretação das representações discursivas da mulher negra como “forte”, “sábia”, “ancestral”, “boa”, mas, também, como uma mulher “estigmatizada”, “violentada” e “marginalizada” pelo sistema.

Palavras-chave: Gramática Sistêmico-Funcional. Representações Discursivas para a Mulher Negra. *Olhos d'água*. Conceição Evaristo.

Abstract: This work aims to analyze the discursive representations for black women in stories from the book *Olhos d'água* by Conceição Evaristo based on the theoretical-methodological assumptions of Systemic-Functional Grammar by Halliday and Matthiessen (2004), paying particular attention to the discursive representation within the Transitivity system. For qualitative data analysis, we divided the research into two stages: contextual analysis, in which we verified the field, tenor and mode; and linguistic analysis, in which we investigated representations for black women considering the Transitivity system, the Modalization system and the Thematic Structure. The research results reveal that material and mental processes instantiate meanings linked to black women's actions and their feelings and thoughts. As for modalization, propositions, in general, are marked by a high degree of probability, with the narrator as the source of explicit subjective evaluation. Regarding the Theme-Rheme articulation, the simple unmarked Theme constitutes the starting point for the interpretation of the discursive representations of black women as “strong”, “wise”, “ancestral”, “good”, but also as a woman “stigmatized”, “violated” and “marginalized” by the system.

Keywords: Systemic Functional-Grammar. Discursive Representations for Black Woman. *Olhos d'água*. Conceição Evaristo.

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Redenção, CE, Brasil. Endereço eletrônico: karinemagalhaes2@hotmail.com.

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Linguagens e Literaturas, Curso de Letras Língua Portuguesa, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Redenção, CE, Brasil. Endereço eletrônico: izabel_larissa@unilab.edu.br.

Introdução

Este artigo tem por objetivo geral analisar as representações discursivas para a mulher negra em contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo a partir dos postulados da Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF). Ao optarmos por investigar as representações discursivas para a mulher negra no contexto cultural do gênero conto, visamos a refletir sobre a realidade social e cultural de mulheres afro-brasileiras dentro da ficção. Na obra *Olhos d'água*, Conceição Evaristo escreve vivências suas e de mulheres negras que enfrentam uma sociedade marcada pelo racismo, pela violência de gênero e pela fome.

Do ponto de vista teórico-metodológico, optamos pela abordagem da Gramática Sistêmico-Funcional. Para a GSF, os significados construídos por meio das expressões linguísticas refletem a história e a cultura dos indivíduos interactantes. Nesse sentido, postula-se que os usos linguísticos, por meios dos quais os significados sociais se instanciam, revelam as representações para as pessoas, as coisas e as experiências do mundo a partir das escolhas operadas que os falantes fazem em um dado contexto social de uso.

Com base nesse objetivo e no aporte teórico da GSF, esta pesquisa visa a contribuir com as investigações funcionalistas que têm por objetivo analisar como o Sistema de Transitividade se materializa em textos, refletindo os significados contextuais, e sua relação com a representação da mulher em diferentes gêneros discursivos, a exemplo das pesquisas de Lima (2015) e Rossi (2015).

Quanto à metodologia, este estudo adota uma abordagem mista, já que se trata de uma investigação qualitativa de natureza descritiva e explicativa. Para a análise, elegemos quatro contos do livro *Olhos d'água*, que têm a mulher negra como participante significativo nos enredos. A partir do arcabouço teórico-metodológico da GSF, estabelecemos dois procedimentos para análise dos dados: (i) análise contextual, que implica identificar e descrever o campo, as relações e o modo; (ii) análise linguística, que implica segmentar as orações dos contos selecionados e analisar tendo em vista o sistema de Transitividade (processos, participante e circunstâncias), que se liga à metafunção Ideacional, o sistema de Modo (Modalização), que se liga à metafunção Interpessoal e a Estrutura Temática (Tema-Rema), que se liga à metafunção Textual.

Por fim, este artigo está organizado da seguinte forma: esta introdução, em que apresentamos o objetivo geral do trabalho, a seção de fundamentação teórica, em que discorreremos, de modo panorâmico, acerca dos postulados básicos da GSF que fundamentam nossa investigação, a seção de metodologia, em que descrevemos os procedimentos metodológicos da pesquisa e as categorias de análise baseadas na GSF, a seção com as considerações finais do trabalho e, por fim, as referências bibliográficas citadas no percurso do presente artigo.

Fundamentação teórica da Gramática Sistêmico-Funcional

Na GSF, há dois tipos de contexto que envolvem o texto e influenciam seus significados: (i) o *contexto de situação* e (ii) o *contexto de cultura*. O contexto de situação diz respeito ao ambiente exato em que o texto se desenvolve. O contexto de cultura é mais amplo e diz respeito a todo “potencial cultural” de uma comunidade. O contexto de situação é o *registro*, que mantém relação com três variáveis: *campo*, que se refere às atividades realizadas pelos participantes da interação; *relações*, que indica os participantes da interação, seus papéis sociais, o grau de controle e a distância social entre eles; e *modo*, que evidencia a função da linguagem e o veículo utilizado na interação. O contexto de cultura é o gênero, que, no caso deste trabalho, é o conto literário, que, conforme Soares (1993), trata-se de um gênero narrativo de menor extensão, que representa uma espécie de flagrante registrado literariamente, pois capta um evento singular e representativo que se delimita no espaço e no tempo. Para Soares (1993), embora seja um gênero ficcional, por meio do conto, é possível recriar a realidade sob a ótica subjetiva e particular de cada escritor.

É importante destacar que cada variável do contexto de situação se liga imediatamente a uma metafunção e a um sistema de escolhas. Na visão da GSF, a oração, que é a unidade de análise da léxico-gramática, é organizada de acordo com três significados básicos: ideacionais (oração como representação), interpessoais (oração como interação, troca linguística) e textuais (oração como mensagem, por meio do qual os significados ideacionais e interpessoais são materializados em textos coesos e coerentes).

Cada metafunção é realizada por um sistema próprio. A *metafunção Ideacional* concebe a linguagem como representação de nossas experiências no mundo e sobre o mundo. Tendo em vista isso, assumimos a noção de “representação” na acepção prevista pela GSF. Em outras palavras, neste trabalho, a representação diz respeito aos processos do mundo exterior ou de nossa própria consciência que externamos por meio da linguagem. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), o subsistema ligado à metafunção Ideacional³ é o sistema de *Transitividade*, que é concebido como uma propriedade da oração como um todo, que consiste de processos, de participantes e de circunstâncias. Esses autores destacam seis tipos de processos, dentre os quais três são mais centrais: *material* (processos do “fazer” e do “acontecer”), *mental* (processos do “sentir”, do “pensar”, do “querer” e do “perceber”) e *relacional* (processos do “ser” e “estar”). Além desses processos, há mais três processos que consistem na combinação desses considerados mais básicos: *verbal*, que está na fronteira entre os mentais e os relacionais; *existencial*, que está na fronteira entre relacionais e

³ A metafunção Ideacional se divide em *experiencial* e *lógica*. É por meio da função experiencial que construímos uma representação do mundo. Essa função tem a oração como unidade de análise. A lógica, por sua vez, é responsável pela combinação de grupos lexicais e oracionais.

materiais; e *comportamental*, que está na fronteira entre materiais e mentais. Cada processo implica tipos específicos de participantes. Por exemplo, o processo material, do “fazer-acontecer”, apresenta um participante *Ator*, que é o responsável pelo desenrolar da ação e a *Meta*, que é o participante afetado pelo processo material.

A *metafunção Interpessoal* concebe a linguagem como troca entre participantes da interação. Sob o viés dessa metafunção, usamos a linguagem para negociar e expressar opiniões, crenças e atitudes. Ao mesmo tempo que a oração é vista como representação, é também entendida como unidade de troca interativa. Na GSF, há dois papéis fundamentais da fala: *dar* e *solicitar*, o que significa que interagimos não apenas para realizar algo, mas também para solicitar algo de alguém. Nessa troca, dois valores são trocados: *informações* ou *bens e serviços*. Na troca de informações, é a linguagem que é trocada, pois a expectativa é de que o interlocutor tome conhecimento de algo. Na troca de bens e serviços, a linguagem é empregada para influenciar o comportamento de alguém, pois a expectativa é de que o interlocutor faça algo. A função semântica da oração na troca de informação é a *proposição*, e a função semântica da oração na troca de bens e serviços é a *proposta*. A metafunção Interpessoal aciona o subsistema de MODO, que é responsável pelos movimentos interativos do diálogo. Esse subsistema se organiza em dois elementos: *Modo* e *Resíduo*. O modo é formado pelo *Sujeito*, grupo nominal responsável pela proposição, e pelo *Finito*, que faz parte do grupo verbal e carrega as noções de tempo, as opiniões do falante e inclui, ainda, a polaridade positiva ou negativa. O restante da oração é chamado de *Resíduo*, que inclui o *Predicador*, o *Complemento* e os *Adjuntos*.

No *modo Oracional*, podemos descrever o funcionamento da oração em um evento comunicativo, em declarações, perguntas, ofertas e comandos, podendo, ainda, ser avaliada em termos de polaridade (positivo e negativo) e modalidade. Segundo Halliday e Matthiessen (2004), o sistema de *Modalidade*, que se situa em níveis intermediários entre os polos positivo e negativo, diz respeito ao julgamento do falante expresso na proposição, que se manifesta em dois graus distintos: grau de *probabilidade* (certo, provável e possível) e grau de *usualidade* (às vezes, geralmente e sempre). Essas escalas pertencem à Modalização, também conhecida como “modalidade epistêmica”. No que diz à orientação e à manifestação da Modalização, Halliday e Matthiessen (2004) descrevem uma matriz de quatro combinações de recursos: Subjetivo e Objetivo (quanto à orientação) e Implícito e Explícito (quanto à transparência enunciativa).

A *metafunção Textual*, que é instrumental em relação às duas primeiras, organiza os significados ideacionais e interpessoais em um todo coeso e coerente. O sistema responsável pelas escolhas feitas no âmbito dessa função é o de *Tema*. Na visão da GSF, o ponto de partida da oração como mensagem, aquilo que localiza e orienta a interpretação do interlocutor dentro de um certo contexto, é chamado de Tema. Desse modo, a oração consiste

em um Tema, primeiro elemento experiencial da oração, e um *Rema*, que acompanha e desenvolve o Tema. A Estrutura Temática possibilita que o falante/autor dê destaque a certas porções da oração, concedendo seu caráter de mensagem. Além da distinção Tema e Rema, Halliday e Matthiessen (2004) destacam a distinção entre *Tema marcado* e *não marcado*. Em orações declarativas, por exemplo, o Tema não marcado é um grupo nominal na função de sujeito. O Tema pode, ainda, segundo Ventura e Lima-Lopes (2002), ser classificado em *simples*, quando o Tema da oração é formado apenas pelo primeiro elemento experiencial, e *múltiplo*, quando o Tema da oração contém um tema tópico (experiencial) precedido por outros tipos de Temas, como conjunções e sequenciadores (Tema textual) e/ou vocativos e adjuntos modais (Tema Interpessoal).

Após essa breve exposição dos conceitos básicos da GSF que fundamentam nossa investigação, vejamos, no item a seguir, a metodologia da pesquisa, na qual definimos os procedimentos de coleta e análise dos dados e as categorias que subsidiam a investigação da representação para a mulher negra neste trabalho.

Metodologia

O livro *Olhos d'água* possui 15 contos que narram enredos em torno de realidades de pessoas negras no Brasil. Para nossa investigação, selecionamos 4 contos nos quais a mulher negra é tomada como participante central dos enredos. No quadro 1, a seguir, apresentamos os contos selecionados, suas respectivas temáticas e uma breve síntese de cada enredo:

Quadro 1 - Contos e Temáticas

Nº	Contos	Temáticas	Enredo
1	Olhos d'água [C#1]	Pobreza, relação mãe e filha, ancestralidade.	Narra a história da personagem protagonista, que, sendo filha, lembra da mãe que brinca, conta histórias e distrai a fome ao mesmo passo que resgata sua ancestralidade africana.
2	Maria [C#2]	Violência, preconceito racial, pobreza.	Narra a história da personagem Maria que é uma mulher negra que trabalha como empregada doméstica, vive numa favela e luta para criar seus três filhos sozinha.
3	Ana Davenga [C#3]	Relacionamento amoroso com criminoso, violência física, sexual.	Narra a história de uma mulher negra que vive na favela e se relaciona com um criminoso que também é negro e se chama Davenga.
4	Duzu-Querença [C#4]	Violência, abuso sexual, miséria, loucura.	Narra a história de uma menina que foi deixada em um prostíbulo pelos seus pais e lá tem suas primeiras experiências sexuais ainda criança.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Para a análise, dividimos a investigação em duas etapas principais: a *descrição contextual* e a *análise linguística*, conforme proposto por Lima (2015). Na análise contextual, investigamos o *campo*, que diz respeito ao que está acontecendo na situação; as *relações*, que dizem respeito aos papéis que são desempenhados pelos participantes; e o *modo*, que se refere à função desempenhada pela linguagem nos contos que compõem o *corpus*.

Na análise linguística, segmentamos os textos em orações e realizamos um apanhado geral dos itens lexicais referentes ao campo semântico da mulher negra nas narrativas. Analisamos todas as orações, voltando nossa atenção àquelas em que a mulher negra faz parte da predicação como entidade referenciadora.

No âmbito léxico-gramatical, procedemos à análise das orações selecionadas tendo em vista as metafunções *Ideacional*, *Interpessoal* e *Textual*, conforme Halliday e Matthiessen (2004). Com relação à metafunção Ideacional, que se liga ao sistema de Transitividade, classificamos os constituintes oracionais em processos, participantes e circunstâncias. Com relação à metafunção Interpessoal, que se relaciona ao sistema de MODO, analisamos a manifestação dos recursos interpessoais de modalização nas narrativas. E, por fim, com relação à metafunção Textual, que se manifesta por meio da Estrutura Temática, verificamos a articulação Tema e Rema, a fim de identificar os tipos de participantes que ocorrem com maior frequência como ponto de partida da oração, bem como os tipos de tematização predominantes para a interpretação da oração enquanto mensagem e para a construção dos significados ligados às representações discursivas para a mulher negra nos contos selecionados do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo.

No quadro 2, a seguir, resumimos as categorias de análise pertencentes aos sistemas de Transitividade, Modalização e Estrutura Temática, consideradas na análise léxico-gramatical dos contos que fazem parte do nosso *corpus*.

Quadro 2 - Categorias de análise

Categorias do Sistema de Transitividade:

Tipo de processo: *material* (que se refere às orações de fazer/acontecer); *mental* (que diz respeito à experiência do mundo de nossa consciência); *comportamental* (referente aos comportamentos tipicamente humanos); *verbal* (referente aos processos relativos ao dizer); *relacional* (que estabelece relação entre duas entidades diferentes); *existencial* (que representa algo que existe ou acontece).

Tipo de participante envolvido no processo: *ator* (participante do processo material que produz o desenrolar do fazer/acontecer); *meta* (participante do processo afetado por um processo material); *escopo* (participante que não é afetado pela performance do processo material); *beneficiário* (participante que se beneficia de um processo material); *atributo* (característica atribuída a um outro participante); *experienciador* (participante que experiencia algo); *fenômeno* (participante que é percebido ou experienciado); *portador* (entidade a qual é atribuída alguma característica); *identificador* (identidade atribuída ao identificado); *identificado* (entidade que recebe a identificação); *dizente* (entidade que diz algo); *verbiagem* (algo que é dito); *receptor* (participante a quem é dirigida uma mensagem); *alvo* (entidade atingida pelo processo de dizer); *comportante* (o ser consciente que realiza o processo comportamental); *existente* (participante típico da oração existencial).

Categorias do Sistema de Modalização:

Tipos de Modalização: *probabilidade* (graus de probabilidade); *usualidade* (graus de usualidade).

Valores dos tipos de Modalização: Para o tipo *probabilidade*: (i) Certeza; (ii) Probabilidade; (iii) Possibilidade. Para o tipo *usualidade*: (i) *alta frequência* (frequentemente); (ii) *média frequência* (normalmente); (iii) *baixa frequência* (às vezes).

Polaridade: *positiva* (sim) e *negativa* (não).

Orientação e manifestação da Modalização: *subjetivo implícito*; *subjetivo explícito*; *objetivo implícito*; *objetivo explícito*.

Categorias da Estrutura Temática:

Modo oracional: *declarativo*; *interrogativo* (sim/não ou Q-); *exclamativo*; *imperativo*.

Tipo de Tema: *Tema simples*; *Tema múltiplo*.

Tema simples: *marcado*; *não marcado*.

Tema múltiplo: *Tema textual + Tema experiencial*; *Tema interpessoal + Tema experiencial*; *Tema textual + Tema interpessoal + Tema experiencial*.

Fonte: elaborado pelas autoras

Diante do exposto, passamos para a descrição e análise das representações discursivas para a mulher negra nos contos do livro *Olhos d'água*.

Descrição e análise dos resultados

Afirmamos que a análise do *corpus* é feita em duas etapas: análise contextual e análise linguística. Na análise contextual, investigamos o campo, as relações e o modo. De maneira geral, no que diz respeito ao campo, os contos abordam histórias de personagens negras femininas que são marginalizadas e silenciadas pelo sistema econômico, pelo racismo estrutural e pela violência de gênero. Quanto à categoria relações, temos os participantes na situação, que são a autora e o leitor. No que se refere às participantes dos contos, de modo geral, a mulher negra toma lugar de destaque no enredo. Em relação ao modo, a linguagem verbal é constitutiva dos contos escritos, com predominância de orações no modo declarativo e interrogativo.

Vejamos, adiante, a análise linguística para cada conto, com uma breve sistematização dos resultados ao final desta seção.

Em [C#1], narra-se a história de uma filha, protagonista do enredo, que lembra da mãe que brinca, conta histórias e distrai a fome ao passo que recupera a ancestralidade africana. Nesse conto, o processo material predomina, bem como o participante Ator. Para exemplificar, apresentamos a ocorrência (1) abaixo:

(1): *Postávamos* deitadas no chão e *batíamos* cabeça para a Rainha. [C#1] OC24

O processo material está relacionado à natureza dos fatos narrados, pois eventos de “fazer-acontecer” se desenrolam em cenas de memórias da narradora. Acontecem recortes

de cenas em que há ações que envolvem a relação da mãe com as filhas em momentos de fome. Os processos mentais são o segundo mais recorrente e têm relação com a natureza do gênero conto, que permite a expressão da subjetividade.

Em [C#1], quanto à modalização, os dois tipos estão presentes, mas com maior saliência para o tipo usualidade, com predominância da baixa frequência. Para a probabilidade, há maior grau de possibilidade. A ocorrência (2), abaixo, ilustra como se dá a usualidade no conto:

(2): Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu.
[C#1] OC29

A marca de usualidade, em [C#1], evidencia a frequência de realização dos eventos na proposição. Quanto à orientação modal, a subjetividade explícita é a que mais acontece em [C#1]. Evidentemente, isso tem relação com a escolha pela autora do narrador-protagonista, que narra os acontecimentos, a partir de suas memórias e recordações.

Quanto à estrutura temática, em [C#1], o modo oracional declarativo predomina e o Tema simples não marcado também, composto, nesse conto, na maioria das vezes, pelo sujeito, um sintagma nominal, ou por verbos com sujeito elíptico, como é o caso das ocorrências (3) e (4) a seguir:

(3): *Voltei*, aflita, mas satisfeita. [C#1] OC52

(4): *Vi* só lágrimas e lágrimas. [C#1] OC55

Quanto ao Tema múltiplo, notamos que há a predominância da combinação do Tema textual e do Tema experiencial, que tem a função de estabelecer a coesão durante a narrativa e a construção das cenas, como é o caso da ocorrência (5) abaixo:

(5): *E era* justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. [C#1] OC18

O modo oracional da ocorrência acima é o declarativo. Configura-se como Tema múltiplo, do tipo Tema Textual+Tema Experiencial, pois o elemento “e” em destaque é um Tema textual, uma conjunção aditiva, e se encontra em posição inicial da oração. Logo após a conjunção, há o verbo relacional “era”, que faz parte da estrutura de Transitividade.

Em [C#1], verificamos que a representação discursiva para a mulher negra é voltada para o resgate da memória e da ancestralidade, do “lugar de origem” e das recordações dos

momentos de fome. Apesar disso, a mulher é representada como resistente e repleta de sabedoria. Na busca por saber a cor dos olhos de sua mãe, a protagonista descobre toda uma história de luta, dor e resistência. Assim, essa mulher negra reflete muitas outras mulheres sujeito negro-feminino que reivindicam seu espaço na sociedade.

Em [C#2], narra-se o trajeto de Maria do trabalho para casa e a árdua rotina que enfrenta para sustentar seus três filhos. A partir da fala e das ações dos personagens, evidenciamos, na narrativa, estereótipos racistas e preconceituosos ligados à mulher negra periférica. Os processos que mais se anunciam nesse conto são os processos materiais, o que condiz com a natureza dos fatos narrados. Os processos relacionais também ocorrem com saliência no conto, sendo utilizados para representar seres, quando se atribuem características e identidades ao participante Portador, como podemos verificar na ocorrência (6) abaixo:

(6): Os dois filhos menores *estavam* muito gripados. [C#2] OC14

Quanto à Modalização, os dois tipos estão presentes, mas com maior destaque para o tipo probabilidade. A subjetividade explícita é o que mais acontece no conto, já que a narradora, em 3ª pessoa, tudo sabe acerca dos personagens, como podemos evidenciar na ocorrência (7) abaixo:

(7): Ela *poderia* descansar um pouco [...]. [C#2] OC25

Em (7), o verbo modal “poderia” caracteriza a média probabilidade, indicando que a protagonista, caso se sentasse numa cadeira vaga no ônibus, poderia descansar um pouco. A orientação modal, neste caso, também se configura como subjetiva explícita, pois a narradora é a fonte da avaliação e realiza seu julgamento subjetivo acerca da situação.

Quanto à estrutura temática de [C#2], o modo oracional declarativo predomina e o Tema simples não marcado também, sendo composto, na maioria das vezes, pelo sujeito, um sintagma nominal, ou por verbos com sujeito elíptico. Quanto ao Tema múltiplo, a estrutura Tema textual + Tema experiencial favorece a coesão durante a narrativa.

Em [C#2], percebemos que a representação discursiva para a mulher é o resultado de um sujeito socialmente marginalizado, uma mulher criminalizada pelo preconceito racial, que é agredida até a morte. É representada a mulher negra que é desrespeitada e silenciada, uma mulher que não teve direito à voz e não teve direito à defesa.

Em [C#3], narra-se a história de Ana Davenga que se apaixona por Davenga, um criminoso. Ana, apesar de ter certo respeito e reconhecimento pelos membros mafiosos da comunidade, tem de obedecer a certas regras impostas pelo patriarcado. Os processos

materiais nesse conto evidenciam recortes de cenas em que as ações do passado explicam como Ana e Davenga se conheceram e como foi o desenrolar dessa relação. Os processos mentais atestados nesse conto sinalizam o que Ana sente, pensa, deseja, mas que evitar externar, seja em razão do ambiente de violência em que vive, seja em razão do abuso do companheiro, como podemos atestar na ocorrência (8) abaixo:

(8): Um dia *pensou* em se negar para não *ver* Davenga chorando tanto. [C#3] OC71 Mas ele pedia, caçava, buscava. [C#3] OC72 Não restava nada a fazer, a não ser enxugar o gozo-pranto de seu homem. [C#3] OC73

Em [C#3], atestamos, ainda, os processos relacionais, que caracterizam Ana como uma entidade silenciada, como é possível verificar na ocorrência (9) a seguir:

(9): Ela *era* cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles. [C#3] OC32

Em (9), temos evidências linguísticas do silenciamento da mulher negra em [C#3] através da protagonista Ana. De fato, existe o silenciamento da mulher negra na sociedade e esse silenciamento é sistemático, já que as mulheres negras passam por violências diárias e são privadas de uma imagem positiva de si, como afirmam Mariano e Inácio (2020, p. 474):

Das violências diárias que as mulheres negras passam emerge a hegemonia da branquitude que as priva do direito de uma imagem/representação positivada de si - afetando e limitando a participação no mercado afetivo, no pleno exercício de sua sexualidade e no acesso ao trabalho. Essas violências circunscrevem seu corpo e sua vivência e comprova os violentos mecanismos de exclusão da branquitude. Ao atermo-nos ao conto, percebemos que, desde o início, sua vida é imersa na experiência negro-feminina vinculada à dor e ao silenciamento (Mariano; Inácio, 2000, p. 474).

Em [C#3], quanto à Modalização, há maior saliência para o tipo probabilidade com predominância do grau de certeza; e, para a usualidade, a predominância da baixa frequência. A certeza enfatiza os reais desejos e pensamentos dos personagens. A alta frequência indica, na maioria das vezes, a assiduidade com que Davenga realizava ações. Quanto à orientação e à manifestação da Modalização em [C#3], a subjetividade explícita é a que mais ocorre. A narradora coloca-se como fonte da avaliação, indicando, a partir de seu ponto de vista de narradora onisciente, o envolvimento/engajamento dos participantes do enredo nos eventos descritos no conto.

Quanto à estrutura temática em [C#3], o modo oracional declarativo predomina e o Tema simples não marcado também, sendo composto, nesse conto, pelo sujeito, um sintagma nominal, ou por verbos com sujeito elíptico. A combinação do Tema textual + Tema experiencial favorece a coesão durante a narração e construção das cenas.

Em [C#3], percebemos que a representação discursiva é de uma mulher silenciada. Ana é uma figura feminina acolhedora, ela escolhe amar e cuidar de seu marido, principalmente nos momentos de angústia dele, mas é silenciada em todo o enredo por não poder falar da rotina deles para ninguém e por não expor seus anseios e desejos.

Em [C#4], narra-se a história de uma menina que foi deixada pelos pais na cidade grande, pois acreditavam em um futuro melhor para ela. Porém, a realidade é que a menina passa a viver em um prostíbulo e a ser submetida a experiências sexuais ainda criança.

Na narrativa desse conto, os processos materiais têm papel fundamental nas mudanças no fluxo dos eventos, o que justifica a predominância desse processo. Na ocorrência (10) a seguir, narra-se o momento em que um homem estava deitado em um dos quartos do prostíbulo de Dona Esmeraldina. Em seguida, ele “pega” a menina e “joga” na cama. Os processos em destaque são materiais, uma vez que “pegar” e “jogar” são processos do “fazer-acontecer”, que se desenrolam como ações. O “homem” é o Ator, ele realiza as ações e a “menina” é a afetada pelo processo, ou seja, ela é a Meta. Na cena descrita em (10), a protagonista, que ainda é criança, não tem maturidade suficiente para julgar o ato a que fora acometida, não tendo noção do ambiente de violência e exploração a que está submetida.

(10): Um dia o homem estava deitado nu e sozinho [C#4] OC94 *Pegou* a menina e *jogou* na cama. [C#4] OC95

Em [C#4], os dois tipos de Modalização estão presentes, mas com maior saliência para o tipo probabilidade, como maior predominância do grau de certeza; e, para usualidade, alta e baixa frequências têm a mesma recorrência. Quanto à orientação e à manifestação da Modalização, percebemos que a narradora, assim como em [C#3], marca-se a todo momento como fonte da avaliação, bem como das experiências dos participantes do enredo. A subjetividade explícita é a mais saliente. Quanto aos graus de probabilidade, identificamos os graus alto (11 ocorrências) e baixo (6 ocorrências). A seguir, as ocorrências (11) e (12) exemplificam, respectivamente, os graus altos e baixos:

(11): Duzu naquele momento *entendeu* o porquê do homem lhe dar dinheiro. [C#4] OC106

(12): Duzu *não sabia* ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar. [C#4] OC96

Em (11), o verbo pleno de cognição “entendeu” evidencia uma modalidade epistêmica de certeza. A orientação modal, neste caso, configura-se como subjetiva explícita, pois a

narradora é a fonte da avaliação, que revela seu julgamento subjetivo acerca da situação narrada. Nessa parte da narrativa, conta-se o momento em que Duzu começa a entender o motivo do homem lhe dar dinheiro. Duzu, ainda criança, passa a entender que homens frequentavam os quartos de Dona Esmeraldina para manter relações sexuais com mulheres e, em troca, davam dinheiro para elas. É evidente que a casa de Dona Esmeraldina se trata de um prostíbulo, mas a grande questão problematizada é o fato de uma criança, ainda em sua inocência, está mergulhada no mundo da prostituição sem ter escolhas e sem ter consciência ainda disso.

Em relação à ocorrência (12), o advérbio de negação “não” marca polaridade negativa e, quando acompanhado do verbo de cognição “saber”, nos revela desconhecimento, fenômeno recorrente em todos os contos analisados. Duzu “não sabia” o “ritmo do corpo”, o que nos indica a inexperiência da menina com relação ao ato sexual. Nesse caso, a orientação modal se configura como subjetiva explícita.

Em [C#4], o modo oracional declarativo predomina e o Tema simples não marcado também, composto, como nos outros contos analisados, na maioria das vezes, pelo sujeito, um sintagma nominal ou verbos com sujeito elíptico. Em [C#4], percebemos que a representação discursiva é de uma mulher que vive a realidade de exploração e violência que acomete a população afrodescendente. Duzu é vítima de abandono, é explorada e silenciada. A protagonista ainda morre miserável, com fome e aos delírios na rua.

Para uma melhor compreensão da discussão empreendida, sistematizamos os resultados de nossa análise no quadro 3 abaixo, em que podemos verificar a ordem dos processos mais recorrentes em cada conto, o tipo de Modalização mais saliente para os tipos usualidade e probabilidade, e, por fim, a Estrutura Temática predominante.

Quadro 3 - Sistematização dos resultados

[C#1]	[C#2]	[C#3]	[C#4]
PROCESSOS MAIS RECORRENTES			
Material	Material	Material	Material
Mental	Relacional	Mental	Mental
Relacional	Mental	Relacional	Relacional
Comportamental	Verbal	Verbal	Comportamental
Verbal	Comportamental	Comportamental	Existencial
Existencial	Existencial	Existencial	Verbal
MODALIZAÇÃO			
Usualidade Baixa frequência	Probabilidade Alto grau	Probabilidade Alto grau	Probabilidade Alto grau

Probabilidade Possibilidade - Baixo grau	Usualidade Alta e Baixa frequência	Usualidade Alta frequência	Usualidade Alta e Baixa frequência
Subjetividade explícita	Subjetividade explícita	Subjetividade explícita	Subjetividade explícita
ESTRUTURA TEMÁTICA			
Modo declarativo	Modo declarativo	Modo declarativo	Modo declarativo
Tema Simples	Tema Simples	Tema Simples	Tema Simples
Não Marcado	Não Marcado	Não Marcado	Não Marcado

Fonte: elaborado pelas autoras

Diante da sistematização dos resultados apresentados no quadro (3), percebemos que o processo material predomina em nosso *corpus*, bem como o participante Ator em todos os contos. Nas narrativas ocorrem mudanças no fluxo dos eventos e os processos materiais têm papel fundamental nessas mudanças, o que justifica a predominância desse processo em todos os contos selecionados para a análise. O segundo processo mais recorrente é o processo mental que se manifesta mais nos [C#1], [C#3] e [C#4], o que têm relação com a natureza do gênero conto, que permite a manifestação da subjetividade por meio desse tipo de processo. O terceiro processo mais recorrente é o relacional, que representa seres quando são atribuídas características e identidades ao participante Portador. A predominância desses três processos em nosso *corpus* já era, de algum modo, esperada, uma vez que a GSF postula que tais processos são os tipos mais básicos ligados ao sistema de Transitividade. Ademais, o contexto de cultura, o gênero, condiciona as escolhas por esses processos, que evidenciam a natureza composicional do texto.

Quanto à modalização, predomina o tipo probabilidade sendo o alto grau em [C#2], [C#3] e [C#4]. A narradora, em todos os contos analisados, marca-se como fonte da avaliação, bem como das experiências dos participantes do enredo. A subjetividade explícita é a que mais ocorre nos contos, o que revela uma tendência no que diz respeito ao posicionamento da narradora, que não apenas avalia a probabilidade de ocorrência de estados de coisas, mas, também, revela-se como a fonte da avaliação subjetiva das proposições, que passam a ser vistas como crenças, opiniões e pensamentos.

Quanto à polaridade, ocorre tanto a positiva, quanto a negativa nos contos. Todavia, predomina a polaridade positiva, já que se trata da forma não marcada da língua. Percebemos que a ocorrência da negação, por vezes, incide sobre verbos modais, como, por exemplo, “não sabia”, na ocorrência (13), a seguir, cujo sentido da negação se combina com o verbo modal indicando mais um “desconhecimento” do que uma negação:

(13): Então eu *não sabia* de que cor eram os olhos de minha mãe? [C#1] OC01

Quanto à estrutura temática, o modo oracional declarativo predomina em todos os contos e o Tema simples não marcado também, o que confirma a tendência para a ordem canônica dos constituintes da oração, exigindo menor esforço cognitivo por parte do leitor em relação ao processamento das informações nos contos. Além disso, revela a preferência da autora dos contos por uma narrativa mais fluída e transparente no que diz respeito à organização dos constituintes oracionais.

A GSF nos revela que o texto está envolvido pelo contexto e é necessário levarmos em conta o contexto em que os textos analisados se encontram. Apesar de os textos selecionados serem fictícios, eles representam a realidade. A Literatura representa a realidade e a autora Conceição Evaristo problematiza os estigmas sociais enfrentados pelas mulheres negras no Brasil nos contos. Para a interpretação das representações, é necessário sabermos o que está acontecendo no texto (campo), quem são os participantes da situação (relações) e a linguagem e o meio utilizado para a produção desses textos (modo). Vimos que a descrição linguística, aliada à descrição contextual, nos revela um mundo de possibilidades nos dando “lentes” para compreender melhor o que a linguagem nos proporciona. Considerando isso, o quadro 4, adiante, traz uma síntese das representações discursivas para a mulher nos respectivos contos:

Quadro 4 – Representações discursivas para a mulher e evidências linguísticas

Contos	Representações discursivas para a mulher negra	Evidências linguísticas
[C#1] <i>Olhos d'água</i>	Mulher pobre, forte, resistente, mulher rainha, ancestral e sábia.	<p>[...] se tornava uma <u>grande boneca negra</u> para as filhas.</p> <p>A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar <u>a boneca-mãe</u> daquele padecer, puxou rápido o bichinho.</p> <p>E era justamente <u>nesses dias de parco ou nenhum alimento</u> que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões, a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era <u>a Senhora, a Rainha</u>.</p> <p>E diante dela, fazíamos reverências à <u>Senhora</u>. Postávamos deitadas no chão e fazíamos reverências à <u>Rainha</u>.</p> <p>E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas <u>ancestrais</u>, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue.</p> <p>Não, eu não esqueço essas <u>Senhoras</u>, nossas <u>Yabás</u>, donas de tantas sabedorias.</p>

<p>[C#2] Maria</p>	<p>Mulher feliz, forte, trabalhadora, marginalizada, vítima de preconceito racial, agredida até o corpo ser dilacerado.</p>	<p>Estava <u>feliz</u>, apesar do <u>cansaço</u>.</p> <p>Alguém gritou que aquela <u>puta safada</u> lá da frente conhecia os assaltantes.</p> <p><u>Negra safada</u>, vai ver que estava de coleio com os dois.</p> <p>Aquela <u>puta</u>, aquela <u>negra safada</u> estava com os ladrões.</p> <p>A <u>negra</u> ainda é <u>atrevida</u>.</p> <p><u>Lincha! Lincha! Lincha!</u> Uns passageiros desceram e outros <u>voaram em direção à Maria</u>.</p> <p><u>Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...</u></p> <p><u>Lincha! Lincha! Lincha!</u> <u>Maria punha sangue</u> pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos.</p> <p>O corpo da mulher estava <u>todo dilacerado, todo pisoteado</u>.</p>
<p>[C#3] Ana Davenga</p>	<p>Mulher boa, acolhedora, silenciada socialmente e vítima do sistema social.</p>	<p>Ela era <u>cega, surda e muda</u> no que se referia a assuntos deles.</p> <p>E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto, <u>sentia uma dor intensa</u>. Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e fosse <u>ela a culpada</u>.</p> <p>Ela enxugando as <u>lágrimas</u> dele.</p> <p>Não restava nada a fazer a não ser <u>enxugar o gozo-pranto de seu homem</u>.</p> <p><u>Não perguntou</u> de que o homem vivia. [...] Ela não estranhava nada. [...] <u>Sabia dos riscos que corria</u> ao lado dele.</p> <p><u>Ana estava feliz</u>. [...] E ela, tão viciada na dor, fizera dos momentos que antecederam a alegria maior um profundo sofrimento.</p> <p>Os companheiros de Davenga choravam <u>a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada</u>, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga.</p>

<p>[C#4] Duzu-Querença</p>	<p>Mulher mendiga, trabalhadora, abusada sexualmente, abandonada, explorada, agredida, alegre e silenciada.</p>	<p>Um homem passou e olhou para a <u>mendiga</u>, com uma expressão de asco. Duzu <u>trabalhava muito</u>. Ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos.</p> <p>Houve até aquele quarto em que <u>o homem lhe fez um carinho no rosto e foi abaixando a mão lentamente...</u></p> <p>Um dia o homem estava deitado nu e sozinho. <u>Pegou a menina e jogou na cama.</u></p> <p>Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. [...] Entendeu <u>o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai</u>, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar.</p> <p>Acostumou-se <u>às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte</u> como uma forma de vida.</p> <p><u>Por maior que fosse a dor, era proibido o sofrer.</u> Ela gostava deste tempo. <u>Alegrava-se tanto!</u> Era o carnaval.</p>
-----------------------------------	---	---

Fonte: elaborado pelas autoras

Com exceção do [C#1], os demais contos nos mostram mulheres que são silenciadas. Apesar de passarem por situações distintas, todas são marginalizadas socialmente. Uma passa fome, outra luta arduamente para se sustentar e sustentar seus filhos, outra se mantém em silêncio para não comprometer a vida de seu marido e sua relação com ele, e a outra passa fome, é abandonada e é abusada sexualmente ainda criança. Todas essas mulheres, apesar da dura realidade que enfrentam, são resistentes ao “brincar para distrair a fome”, “ao trabalhar arduamente sendo a única provedora da família”, ao “enxugar o gozo-pranto de seu homem” e ao se entregar às “raias do delírio”.

Também podemos perceber determinados momentos de felicidade em cada uma das narrativas. Em [C#1], a mãe da narradora faz dos momentos de fome, alegria para as filhas, pois brinca para distrair a fome das crianças. Em [C#2], no início do enredo, Maria estava feliz, apesar do cansaço, porque voltava para casa com uma gorjeta e com sobras de alimento que a patroa lhe dera. Em [C#3], Ana estava feliz por receber a festa surpresa de aniversário dela e por está grávida. Em [C#4], por maior que fosse a dor, Duzu se negava a sofrer e estava alegre porque era Carnaval, festa de que tanto gostava. São narrativas distintas, mas que tratam de mulheres que, apesar do sofrimento, sem quaisquer idealizações, lutam para sobreviver. Em uma sociedade marcada pelo preconceito racial, pelas desigualdades de gênero e de classe, temos narrativas que problematizam a situação da mulher negra na

sociedade brasileira, desde a mulher que passa fome à mulher que é violentada das mais diversas formas.

Considerações finais

A presente pesquisa teve por objetivo descrever e analisar, sob a orientação teórico-metodológica da Gramática Sistemico-Funcional, as representações para a mulher negra em contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo. Para nossa investigação, selecionamos 4 contos da referida obra, em que a mulher afrodescendente aparece como participante significativo da narrativa. A partir de uma abordagem qualitativa, estabelecemos dois passos metodológicos para análise dos dados coletados: (i) análise contextual, configurada nas variáveis campo, relações e modo e (ii) análise linguística, considerando as categorias léxico-gramaticais do sistema de Transitividade, que descreve a oração como um todo em processos, participantes e circunstâncias, do sistema de Modalização, no que concerne aos graus de probabilidade e usualidade expressos nas proposições modalizadas, e o sistema de Estrutura Temática, que consiste na articulação Tema-Rema.

Nossa análise revela que a representação para a mulher negra nos contos investigados se constrói, no que se refere à Transitividade, por meio de processos materiais e mentais, que evidenciam, respectivamente, as mudanças no fluxo dos eventos narrados e os sentimentos e os pensamentos das mulheres representadas nos contos. Quanto à Modalização, constatamos que o grau alto probabilidade é o que mais se destaca nos textos investigados, com a narradora como fonte da avaliação subjetiva explícita das proposições epistemicamente modalizadas. No que diz respeito à Estrutura Temática, o Tema simples não marcado, que reflete a ordem canônica dos constituintes oracionais em língua portuguesa, é o mais predominante nos contos analisados, com os participantes humanos como ponto de partida para a interpretação da oração enquanto mensagem.

Podemos concluir, com a análise dos dados, que as representações que se evidenciam nos contos colocam a mulher negra como uma mulher forte, sábia, resistente, de raízes ancestrais poderosas, mas, também, como uma mulher socialmente estigmatizada, vulnerável à violência e à fome, presa a um sistema que explora seu corpo, marginaliza seu trabalho e silencia sua voz, como retratado de um país cujo racismo é estrutural.

Referências

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional Grammar**. 3. ed. London: Hodder Education, 2004.

LIMA, L. O. **Espelho, espelho meu, existe alguém mais doida ou santa do que eu?** Representações para a mulher em crônicas de Martha Medeiros. 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9922/LIMA%2c%20LETICIA%20OLIVEIRA%20ODE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 fev. 2024.

MARIANO, Z.; INÁCIO, E. Estética da interseccionalidade: uma análise do conto *Ana Davenga*, de Conceição Evaristo. **REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS**, v. 1, n. 24, p. 466-480, 2020. Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/4818>. Acesso em: 28 fev. 2024.

ROSSI, A. M. **Diferentes vozes, diferentes olhares**: representações para as mulheres na perspectiva sistêmico-funcional nos evangelhos. 2015. 163 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9927?show=full>. Acesso em: 28 fev. 2024.

SOARES, A. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1993.

VENTURA, C. S. M.; LIMA-LOPES, R. E. O tema: caracterização e realização em português. **Direct Papers**, v. 47, p. 1-18, 2002.

Sobre as autoras

Karine Magalhães Alves

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2770-2788>

Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), graduada em Letras – Língua Portuguesa pela mesma instituição. Professora temporária da Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

Izabel Larissa Lucena Silva

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5177-8267>

Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Língua Italiana e suas respectivas literaturas pela mesma instituição. Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora efetiva Adjunto IV da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), integrando os colegiados do Instituto de Linguagens e Literaturas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Lidera o Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Funcional (GEPELF) e faz parte do Grupo Discurso & Gramática (PPgEL/UFRN) e do Grupo de Estudos em Funcionalismo Linguístico (GEF/UFC).

Recebido em fevereiro de 2024.

Aprovado em agosto de 2024.